

Na minha terra, quando morria uma virgem, o caixão era todo branco e tôdas as flôres que se jogavam sôbre a cova eram brancas também. Rosas, se fôsse em setembro. Cravos, no meio do ano. Uma vez, homem muito austero, muito religioso, perdeu a filha. Era quase uma menina, sossegada, filha-de-maria, e qualquer um de nós punha a mão no fogo por ela, apesar dos pesares de seus encantos. A doença que a matou foi tuberculose, que nesse tempo raramente se curava. Em três ou quatro semanas, a menina definhou, botando sangue pela bôca, e morreu tossindo. As crianças acompanharam o caixãozinho até o pequeno cemitério, junto a uma chácara de uvas e pêssegos, onde ela costumava brincar em criança. As rosas brancas cobriam todo o ataúde de cetim imaculadamente branco, onde fitas de sêda branca tinham frases de despedida. Nisto, o pai, cujo rosto estava sêco, apanhou umas rosas vermelhas, não se sabe colhidas onde, e, enfeixando-as na mão como um

buquê de ódio retardado, depositou-as, rubras, estranhas, chocantes, entre as rosas brancas, bêm no meio do caixão da menina.

Tôda a cidade falou no caso. Naturalmente, ninguém perguntou ao velho o que queriam dizer as flôres encarnadas que à última hora a sua falta de perdão ou talvez a necessidade de ser verdadeiro ante o mistério da morte levaram-no a botar no caixão da menina. E a turvar-lhe a reputação, num tempo em que a sua honra já não tinha tanta importância assim.

Ninguém sabe o que o velho viu, o que a menina lhe falou antes de morrer, quais as suas dramáticas confissões, se ela havia dado um mau passo, se um escorregão de amor liquidara com a sua inocência, mas tudo quanto a adolescente havia feito nos últimos meses de sua vida tão rápida, os passeios, as saídas noturnas, as ausências longas ou não, as viagens, as férias no Rio, tudo, tudo foi vasculhado. Puseram a vida da menina a nu, depois de sua morte. Contavam ou imaginavam histórias lamentáveis a seu respeito. Todo mundo falava, menos o velho. Calado, viveu o resto de seus dias dentro de uma casa de janelas fechadas, sem ir a parte alguma. Sempre sòzinho, pois o que lhe sobrara da família havia deixado a cidade, mulher e filhos, fugitivos da vergonha. Conta a gente da cidade que o velho morreu de olhos arregalados, como se estivesse vendo qualquer coisa que ninguém via, e as suas mãos, contraídas, fechavam-se como se agarrasse desesperadamente a um ramallete invisível. O povo, que nunca mais também o vira, a não ser a sua sombra passando lá detrás da vidraça iluminada, encheu-lhe o caixão prêto de grandes rosas vermelhas, colhidas no próprio jardim de sua casa. Tôda a gente seguiu até o cemitério, a pé, enquanto o padre, espargindo água-benta por todos os lados, parecia estar limpando o próprio ar daquela peste. Nunca viu a cidade, assim, outro funeral de ódio. Havia uma velha beata, beatíssima, tão velha que a vida se esquecera dela, como se ela nunca mais fôsse morrer, uma criatura humilde e profundamente devo-

tada a Deus, transformada agora, no entêrro, na própria encarnação da raiva. Espalhava rosas vermelhas sôbre o caixão durante todo o caminho, e se tinha a impressão de que eram pétalas de sangue ou de chamas que ia jogando em cima da madeira do defunto. Quem estava perto, repetia aos outros as frases de raiva que a beata dizia: “— Afoga-te nas tuas rosas de ódio, velho bruxo, que não conhecestes o perdão em vida. Que não tiveste uma prece. Um momento de bondade. Por tua filha. Por uma menina”.

De todo êsse episódio horrendo, mais que tudo me ficou a última frase da ladainha do ódio que a velha ia rezando atrás do esquife. Por uma menina. Por uma menina. Por uma menina.

Um filho, um menino, a gente cria e solta no mundo, vê virar homem, vestir-se de soldado, amar, lutar, sofrer, morrer, transformar-se em herói, em bandido, em padre ou até em jornalista, e o garôto que virou homem passa a ser um quase estranho, um corpo autônomo que se desprende de nós, que pensa, faz e age de acôrdo com a própria maneira de ser e de sentir. Os seus amôres são seus. As suas quedas também. Envelhece, fica de cabelos brancos, e a gente percebe que aquêle filho, aquêle homem, de há muito se tornou mais um irmão que um filho.

Uma filha é diferente. Uma garôta é muito mais. Uma guria é assim como um mundo de ternura engarrafado num pequenino corpo, uma alminha que se acostuma a querer no berço, que se acompanha à primeira aula do jardim-de-infância e se tem pena de deixar sòzinha, pela primeira vez, junto à primeira mestra, que se leva ao primeiro circo, ao primeiro baile, à primeira valsa, e se acompanha com o coração meio esmagado ao altar, no dia das bodas, para entregá-la aos braços de um estranho, que a terá todos os dias, tôdas as noites, até a velhice ou o fim. E se voltará para casa mais sòzinho do que nunca, sentindo o imenso vazio da casa que ficou sem a menina.

Por isso, o pai, talvez mais que a própria mãe, compreende a revolta que se avoluma contra o que se está fazendo contra uma pobre menina, depois de sua morte. Suicida que tenha sido, suicidada que o foi por um, dois ou três monstros, Aída morreu duas vêzes. A primeira, quando se jogou ou foi jogada. A segunda, quando a arrastaram à sarjeta dos comentários mais sórdidos, quando o seu nome entrou nas casas de pensão, nas "toilettes" dos cabarés, nas conversas de botequim, e, principalmente, quando o seu corpo, que se provou imaculado, se estendeu sôbre a mesa, para o legista, êsse noivo fúnebre que o vasculhou, que o profanou, que o retalhou com a frieza profissional de um bisturi afiado na pele de defuntos de todos os tipos, tornados sem sexo, sem côr e sem nome por essa coisa impessoal que é a morte. Intocada, foi o veredicto da necropsia. Depois de morta, Aída teve a sua pureza mais íntima trazida às manchetes, gritada pelo rádio, refletida pela televisão, proclamada de bôca em bôca, sensacionalmente, como notícia. É pura. Pura, sim, como a mais santa das noviças, como a mais casta das noivas, pura, puríssima. Por que, então, subiu? E surgem novos comentários, novas observações, prós e contras, e a honra virginal de Aída sempre em debate. Por que subiu? Acaso, pode uma menina que emerge da puberdade em pleno mundo pagão de Copacabana, que sai do ambiente habitualmente desinfetado das impurezas da vida, que é um colégio de freiras, para a residência do pecado que é justamente aquilo em que a falta de vigilância, a ausência de contrôle, o descalabro moral estão transformando o mais lindo bairro do mundo, acaso pode uma menina assim defender-se da lábia de um sedutor que conhece todos os truques para envolver uma mulher escolada, quanto mais uma adolescente praticamente indefesa?

A pureza de Aída, ela própria a demonstrou na mesa do necrotério. Foi escrito, o laudo definitivo de sua virgindade, pela necropsia. Havia-a provado, exuberantemente, antes, com a beleza de seu gesto, defendendo-se, até o fim,

dos ataques brutais de um tarado engordado a pão-de-ló e creme de Chantilly.

Se fôsse a menina pervertida em que os seus assassinos querem hoje a todo custo transformá-la, em frases reticentes, para melhorar a própria situação, se fôsse a garôta leviana que vai a um apartamento com um rapaz sem ser para contemplar a paisagem bonita de Copacabana, se Aída fôsse o que, de qualquer forma, mesmo com o sacrifício da reputação de uma virgem morta, os monstros querem mostrá-la aos olhos do público e ao exame dos seus futuros julgadores — por que então, resistiu, lutou, até se matar ou ser morta? A resposta de sua morte é o argumento da condenação lógica a todos os libelos tão imundos que êsses rapazes sem freios tentam lançar sôbre a reputação daquela que morreu para não ser conspurcada por mãos tão sujas. Para ser isto que o jovem a pinta, sem se importar com a sua morte ainda recente, sem se importar com a verdade do gesto mais nobre que uma virgem pode ter no limiar da desonra, que é o do extremo sacrifício, para ser apenas isto, bastaria a Aída seguir o exemplo do qual êsses jovens são, comumente, o resultado vivo, hereditário, marcado no próprio sangue. E ainda estaria viva.

Em vez disso, Aída morreu por si ou foi morta por êles. Como se não bastasse, ei-los a lançar sôbre o túmulo da menina os argumentos de sua futura defesa. Mas, em favor da criaturinha ingênua, que queria aprender inglês com os marinheiros americanos, que queria ir buscar os seus óculos mesmo lá em cima, gritando a favor dessa môça, estão a sua vida colegial tão recente, a sua conduta, as declarações de seu confessor, que quebrou o segredo para ajudar a quem não mais podia falar.

Estou a ver a expressão marôta do jovem Cácio (ou de Ronaldo) a espiar o corpo de Aída na calçada, espatifado. E a comentar para os amigos, cínico, sem respeito à própria morte que êle provocara: “Vejam que pernas bonitas ela tem”.

Para seus defensores, para aquêles que procuram explicar o fenômeno da maldade em um homem tão môço, tudo é culpa do ambiente em que êle viveu, do mundo ruim em que se criou, dos exemplos que recebeu na meninice, o pai assassinado, o amor fácil, a vida sem problemas. O advogado que procura livrá-lo da cadeia tentou, a princípio, lançar o pêso da responsabilidade nas costas do porteiro; aconselhando-o a fugir e a deixar o resto por sua conta. O resto seria fácil.

Bastaria carregar de indícios o humilde servente e encher de lama a reputação da môça para garantir a liberdade do jovem assassino. O criminalista não previu, entretanto, o clamor público. Não contou, velho esgrimista das pugnas forenses, com a onda de revolta que toma conta da cidade, que levanta o Rio contra os agentes de morte, de desonra e de perigo que o tornam uma das cidades mais infames do mundo. Menor ou não. Cácio teve, por ordem do chefe-de-polícia, o tratamento que devem ser todos os cães hidrófobos, que infestam os bairros elegantes. A morte de Aída não foi em vão. Seu sacrifício teve a virtude de levantar uma cidade.

Mesmo assim, muita gente não há de acreditar na tremenda acusação que é a própria morte dessa jovem. De fato, a incredulidade toma conta dos bairros elegantes, invade o coração de quase todos que vivem nesse mundo agressivo, áspero e antifamiliar em que se transforma esta cidade livre, onde o pecado está voltado para o mar, nas luzes acesas de Copacabana, onde o pecado está em cada esquina, à espreita, nos olhos dêsses monstros lúbricos que caçam garôtas ingênuas com truques primários de óculos que caem. Certo: muita gente não acreditará na pureza de Aída. Muita gente colocará rosas vermelhas sôbre o seu túmulo. Cada um dêsses homens que assim faz mal sabe que coloca rosas vermelhas nos túmulos das próprias filhas.